

A NOSTALGIA DE GÊNERO DAS *TRADWIVES* COMO EXPRESSÃO AFETIVA NA EXTREMA-DIREITA

THE GENDERED NOSTALGIA OF *TRADWIVES* AS AN AFFECTIVE EXPRESSION IN THE FAR-RIGHT

Thiago Costa-Lethi ¹

Resumo

Este artigo analisa a adesão de sujeitos minoritários a agendas reacionárias a partir da cultura *tradwife*. Em contraste com explicações baseadas em ignorância ou falsa consciência, argumenta-se que o fenômeno deve ser compreendido pela lógica do desmentido e por mecanismos afetivos. Propõe-se o *Dispositivo Afetivo-Ideológico (DAI)* como ferramenta analítica para entender a ideologia como operação baseada em vínculos afetivos e investimentos libidinais. No caso das *tradwives*, demonstra-se como a nostalgia regressiva — idealização de um passado patriarcal e racializado — funciona como mecanismo ideológico central, articulando pertencimento e estabilidade. O artigo adota uma abordagem teórico-crítica não empírica, utilizando o caso como operador heurístico. Conclui-se que a ideologia contemporânea opera menos pela crença do que pela *jouissance*.

Palavras-chave

Tradwives; Ideologia; Afetos; Minorias políticas; Nostalgia.

Abstract

This article examines the apparent paradox of minority subjects aligning with reactionary political agendas through the case of *tradwife* culture. Contrary to explanations grounded in ignorance or false consciousness, it argues that this phenomenon is better understood through the logic of disavowal and affective mechanisms. It proposes the *Affective-Ideological Apparatus (AIA)* as an analytical framework for conceptualizing ideology not as a system of beliefs, but as an arrangement structured by affective bonds and libidinal investments. In the *tradwife* case, regressive nostalgia—an idealized reconstruction of a patriarchal and racialized past—emerges as a central ideological mechanism, articulating belonging and stability. Adopting a non-empirical, theoretical-critical approach, the article mobilizes this case heuristically. It concludes that contemporary ideology operates less through belief than through *jouissance*.

Keywords

Tradwives; Ideology; Affects; Political minorities; Nostalgia.

¹ Doutorando, Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UERJ), thiagolethi@ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0003-3664-250X>, <http://lattes.cnpq.br/0995031120846659>.

Introdução

O crescimento contemporâneo da extrema-direita não se restringe a homens brancos heterossexuais, envolvendo também como mulheres (brancas) na figura das *tradwives* (esposas tradicionais)², indivíduos LGBTQ+ e pessoas racializadas. Esses sujeitos são definidos, por mim, como *minorias políticas perversas*³: reconhecem as contradições ideológicas, mas mantêm sua adesão e encontram satisfação em políticas que prejudicam suas próprias comunidades.

Freud ilustra essa lógica com a anedota: "Quando um de nós morrer, eu me mudarei para Paris" (Freud, 1924, p. 31)⁴. Como observa Zupančič (2024), trata-se da posição do sujeito como espectador de sua própria ausência. Essa estrutura é formalizada por Mannoni (1969) na fórmula "sei muito bem, mas mesmo assim...", que sintetiza o desmentido (*Verleugnung*) (Freud, 1928), distinto da negação (*Verneinung*) (Freud, 1925), pois admite a realidade enquanto age como se ela não fosse verdadeira.

O ressurgimento de posições obscurantistas não decorre apenas de ignorância ou falsa consciência, mas de mecanismos afetivos e fantasmáticos que sustentam a adesão ideológica. Como argumenta Zupančič (2024), a condição contemporânea se organiza pela lógica do desmentido, e não da negação. Nesse quadro, a adesão de minorias políticas à extrema-direita deixa de ser anômala e passa a expressar um modo específico de funcionamento ideológico. Como propõe Žižek (2008), a ideologia opera menos na crença explícita do que na fantasia que estrutura a realidade social e orienta os investimentos libidinais.

O apoio de minorias a agendas reacionárias não é novo, como exemplificam mulheres brancas em movimentos extremistas — do *Ku Klux Klan* à *alt-right*⁵ (Love, 2020). Contudo, sua configuração atual demanda atenção: influenciadoras, majoritariamente brancas, adotam o rótulo *tradwife* para promover ideais conservadores centrados na religião, na família nuclear e na feminilidade doméstica, reativando imaginários dos anos 1950 em espaços como o subreddit *r/tradwife*. Em plataformas como *Pinterest*, *TikTok* e *Instagram*, essa estética circula por meio de visuais curados e conselhos cotidianos (Leidig, 2023; Mattheis, 2022), constituindo um regime de visibilidade que converte a vida cotidiana em valor simbólico e reconhecimento.

Embora o termo anteceda sua circulação digital (Proctor, 2022), a cultura *tradwife* consolida-se nos anos 2010, articulada à ascensão da direita e à circulação de memes e *hashtags* pró-Trump, ganhando visibilidade no início dos anos 2020 diante de críticas por vínculos com a supremacia branca (Know Your Meme, n.d.; Leidig, 2023). Predominantemente composta por mulheres brancas e originada no fórum *Red Pill Women* em 2013, expande-se globalmente pelos ecossistemas digitais da extrema-direita, articulando conforto e prosperidade à experiência feminina branca (Leidig, 2023; Norris, 2023). Esse movimento revela circulação global e adaptação local com coerência simbólica.

2 *Trad* é uma gíria da internet (#trad), abreviação de 'tradicional', usada para descrever usuários que defendem valores conservadores, como a religião, a família nuclear e padrões de aparência associados às classes altas (Know Your Meme, n.d.).

3 Perversão não é entendida em seu sentido moral, mas em no contexto psicanalítico.

4 Todas as citações de fonte estrangeira são de autoria do autor.

5 A *alt-right* é um movimento de extrema-direita que rejeita conservadorismo tradicional e democracia liberal, defendendo etno-nacionalismo, identidade branca e 'civilização ocidental', usando redes sociais com retórica provocativa (Remley, 2019).

Evita-se aqui a essencialização da cultura *tradwife*, que se desenvolve de forma heterogênea e situada (Leidig, 2023; Norris, 2023). Suas variações não são de grau, mas de funcionamento ideológico: nos Estados Unidos, articula-se a supremacia branca, conservadorismo cristão e nacionalismo; em contextos como o brasileiro, hibridiza-se com empreendedorismo digital, religiosidade neopentecostal e economias de influência, apresentando a domesticidade como vocação moral e estratégia econômica. Trata-se, assim, de uma articulação ideológica adaptativa, que reconfigura seus significantes conforme contextos históricos e culturais.

Nos Estados Unidos, influenciadoras articulam a estética *tradwife* a discursos explícitos de nacionalismo cristão, valores familiares e teorias conspiratórias, com circulação sistemática de conteúdo político e anti-institucional (Media Matters, 2024). No Brasil, o fenômeno tende a assumir uma configuração predominantemente estética e cultural, centrada em rotinas domésticas, feminilidade e organização do lar, frequentemente associada a discursos de estilo de vida e identidade e menos marcada por explicitação política direta (Labate, 2024).

A questão desloca-se de por que tais sujeitos 'acreditam' nessas ideologias para como se estruturam naturalmente os vínculos que sustentam sua adesão. Parte-se da hipótese de que a cultura *tradwife* opera por uma lógica de *nostalgia regressiva* (Preece et al., 2025), na qual o passado é reconstruído como resposta às ansiedades do presente. Diferente da *nostalgia reflexiva* (Boym, 2001), que reconhece essa distância, a nostalgia regressiva atua como mecanismo normativo, produzindo um passado idealizado como horizonte de estabilidade simbólica.

A principal contribuição do artigo é propor o *Dispositivo Afetivo-Ideológico (DAI)* como ferramenta analítica para compreender a ideologia como operação afetiva e libidinal, para além de um sistema de crenças, iluminando fenômenos como a cultura *tradwife*. O objetivo é desenvolver o DAI e demonstrar, a partir desse caso, como afetos, emoções e imaginários estruturam a adesão a discursos reacionários. As *tradwives* operam, assim, como campo de aplicação do modelo, evidenciando sua capacidade explicativa em contextos polarizadores.

O DAI, inspirado na noção foucaultiana de *dispositivo* (Foucault, 1994) e articulado à crítica ideológica, concebe a ideologia como arranjo entre os registros simbólico, imaginário e libidinal. Como argumenta Ahmed (2004a; 2004b), as emoções circulam entre corpos e signos, produzindo alinhamentos e operando como mecanismos de adesão. Nesse quadro, o DAI evidencia que a ideologia contemporânea opera menos pela crença do que pelo vínculo afetivo e pelo gozo que sustenta a adesão.

Metodologia

O artigo adota metodologia teórico-crítica, qualitativa, explicativa e não empírica, situada nos estudos críticos em comunicação. Baseia-se em revisão bibliográfica articulada a exemplos das culturas digitais, não para generalização, mas para demonstrar a operacionalidade do DAI. Concebido como lente e procedimento analítico, o DAI permite examinar a ideologia como articulação entre afetos, emoções e imaginários,

privilegiando a interpretação dos investimentos libidinais que sustentam a adesão, mesmo quando contraditória ou desfavorável aos sujeitos.

O percurso analítico articula três eixos, sendo o principal a análise crítica sintomática da ideologia (Žižek, 2008, p. 140), estruturada em dois processos: (i) a *leitura sintomal discursiva*, que desconstrói o sentido espontâneo ao revelar a articulação de *significantes flutuantes*⁶ totalizados por *pontos nodais*; e (ii) a *extração do núcleo de gozo* (enjoyment), evidenciando como a ideologia implica e produz um gozo pré-ideológico estruturado na fantasia.

Nesse aspecto, interpretar a ideologia equivale a ler um texto estruturado por palavras (significantes), no qual certos termos atuam como significantes-mestres, organizando cadeias de significantes flutuantes. A leitura sintomática não se limita à identificação desses eixos organizadores, mas busca localizar tensões e contradições internas que desestabilizam o próprio texto ideológico.

O segundo é a teoria dos afetos, particularmente a noção de economias afetivas proposta por Ahmed (2004a; 2004b), segundo a qual emoções circulam e aderem a corpos e signos, produzindo alinhamentos coletivos. O terceiro é a psicanálise lacaniana, mobilizada para compreender o papel do gozo na sustentação dos vínculos ideológicos, especialmente na forma do desmentido (Freud, 1928; Zupančič, 2024).

Embora não realize análise empírica sistemática, o estudo não se reduz a uma reflexão abstrata. Trata-se de uma abordagem interpretativa que privilegia a construção conceitual e a análise crítica de processos culturais, em detrimento da mensuração. Nesse quadro, o caso das *tradwives* é mobilizado não como objeto de verificação empírica, mas como operador heurístico para explicitar a operacionalidade do DAI. Assim, o dispositivo permite articular estrutura e experiência ao integrar os níveis simbólico e libidinal, evidenciando como discursos reacionários se tornam afetivamente ressonantes e como a ideologia opera no nível do vínculo e do gozo, e não apenas da crença.

A política dos afetos e do imaginário no grau zero da ideologia

Para compreender como o Dispositivo Afetivo-Ideológico opera na sociedade, é necessário, antes de tudo, esclarecer o que aqui se entende por ideologia. A partir de uma perspectiva žižekiana (2008), o conceito pode ser relacionado à distinção benjaminiana (1991) entre duas formas de violência: a 'violência conservadora do direito' (*rechtserhaltende Gewalt*), que sustenta a ordem jurídica e política existente, e a 'violência fundadora do direito' (*rechtsetzende Gewalt*), que institui novas estruturas sociais ou legais. Seguindo essa lógica, a ideologia pode ser concebida em um duplo sentido: como formação constituída — manifesta em instituições, leis e discursos dominantes (por exemplo, ideologia de esquerda ou de direita, ideologia de gênero etc.) — e como força constituinte — um mecanismo subjacente que organiza, legitima e naturaliza hierarquias sociais e relações de poder, sendo este o foco do presente trabalho.

6 Em um enquadramento žižekiano, significantes flutuantes são termos cujo significado não está previamente fixado, mas se estabiliza temporariamente por meio de sua articulação em um campo ideológico — tipicamente via pontos nodais que organizam cadeias de equivalência e diferença. Sua abertura semântica permite que sejam disputados e ressignificados entre diferentes projetos políticos.

Assim, a crítica ideológica não se limita à denúncia de falsidade, pois, como afirma Žižek (2008, p. 30), “o nível fundamental da ideologia [...] não é o da ilusão que encobre o estado real das coisas, mas o da fantasia (inconsciente) que estrutura a própria realidade social”, orientando o desejo e sustentando a experiência social. A fantasia sustenta a ideologia ao operar como seu horizonte incontornável: no capitalismo, modos alternativos de experiência tornam-se dificilmente imagináveis, enquanto suas falhas são percebidas como externas. Ainda assim, essa contradição é reconhecida e sustentada por uma atitude cínica: “elas sabem muito bem o que estão fazendo, mas, ainda assim, continuam fazendo” (Žižek, 2008, p. 25). Essa lógica converge com a crítica de Wittig (1980) ao ‘mito da mulher’ como construção imaginária, ao afirmar que “a mulher não existe para nós; ela não é nada além de uma formação imaginária” (Wittig, 1980, p. 80). Assim, a ideologia naturaliza construções históricas, como exemplifica a cultura *tradwife* ao apresentar a feminilidade doméstica como escolha ou essência, ocultando sua inscrição material.

Se a ideologia opera por meio da fantasia, é necessário compreender o que a sustenta. Nesse ponto, o conceito de *jouissance* (gozo)⁷ torna-se decisivo. Diferentemente do prazer regulado pelo princípio de realidade, a *jouissance* designa um excesso — um tipo de satisfação que ultrapassa o prazer e pode inclusive tornar-se dolorosa. Como observa McGowan (2025), trata-se de uma forma de satisfação que o sujeito não controla plenamente, mas à qual permanece vinculado. No campo ideológico, isso significa que os sujeitos podem encontrar satisfação precisamente em práticas e posições que os prejudicam, desde que estas estejam inscritas em uma estrutura fantasmática que organize seu desejo.

Essa dimensão torna-se particularmente evidente nos discursos reacionários. Como observa Žižek (2023, p. 83), a injunção ao sacrifício — “renuncie aos prazeres corruptos, sacrifique-se pela nação” — não elimina o prazer, mas o desloca, transformando a própria renúncia em *jouissance*. Nesse sentido, a ideologia não reprime o desejo, mas o reorganiza, oferecendo formas específicas de satisfação que sustentam a adesão.

Nesse sentido, a própria repressão torna-se fonte de um prazer ilícito. Quanto mais intensa é a repressão, mais tolerável — e até prazerosa — ela se torna, revelando que a ideologia mobiliza *jouissance* em vez de simplesmente impor a crença. Ainda segundo Žižek (2008), a ideologia se mantém porque oferece prazer na *jouissance*. Mesmo quando sabemos que normas de gênero são construções sociais, continuamos a reproduzi-las, pois nelas encontramos satisfação. Wittig (1980) já criticava essa armadilha, ao apontar como a identidade mulher é vivida como algo ‘maravilhoso’, mesmo sendo um mito. O caso das *tradwives* é exemplar: elas sabem que sua feminilidade é construída, mas escolhem performá-la e nela encontram prazer.

Se a ideologia opera de modo invisível nas práticas cotidianas, é preciso indagar o que a move — frequentemente, as emoções (Hoggett; Thompson, 2012). O prazer em odiar, por exemplo, tende a ser preservado, e, no plano da fantasia, agressores frequen-

⁷ McGowan (2025) observa que uma das principais dificuldades na tradução de *jouissance* reside em sua intraduzibilidade. O termo francês implica tanto o orgasmo quanto o direito legal de uso (*droit de jouir*); por não haver um equivalente preciso para *jouir*, a maioria dos estudiosos mantém *jouissance* como um termo técnico que designa prazer, excesso e transgressão para além do desfrute. Ou, no caso do Brasil, traduz-se como gozo.

temente se colocam como vítimas, apropriando-se da retidão moral da vitimização (Žižek *apud* Hoggett; Thompson, 2012). Longe de serem contraideológicas, as emoções reproduzem a ideologia precisamente quando parecem autênticas. Como argumenta Ahmed (2004a), as emoções não são estados internos, mas forças que circulam, conectando corpos, signos e objetos. Elas não residem nos sujeitos, mas se movem entre eles, produzindo alinhamentos e estabelecendo fronteiras. Nesse processo, certos objetos — como a família, a nação ou a tradição — tornam-se pontos de condensação afetiva, capazes de mobilizar pertencimento e exclusão.

Esse movimento afetivo não ocorre apenas de dentro para fora, mas também se fixa em determinados corpos, transformando-os em objetos de sentimento e moldando relações sociais desiguais. Ao alinhar sujeitos e estabilizar hierarquias, imobilizando alguns e privilegiando outros —, as emoções configuram 'economias afetivas' (Ahmed, 2004b). Essa perspectiva encontra ressonância em Hoggett e Thompson (2012), para quem as emoções e os afetos não apenas atravessam indivíduos, mas também moldam estruturas sociais em múltiplos níveis, influenciando desde dinâmicas familiares até movimentos coletivos na sociedade civil.

Nas economias afetivas, as emoções não são estados internos, mas forças performativas que produzem efeitos: alinham sujeitos a comunidades e conectam o corpo a formações sociais pela intensidade de seus vínculos (Ahmed, 2004b). Assim, operam como mecanismos de adesão e coerência, *colando* figuras para produzir a impressão de unidade coletiva. Em vez de estados psicológicos privados, as emoções são mediações entre o psíquico e o social, o individual e o coletivo. Não residem em sujeitos ou objetos; é justamente essa não residência que permite sua circulação e capacidade de criar laços sociais por meio de seu movimento e efeitos.

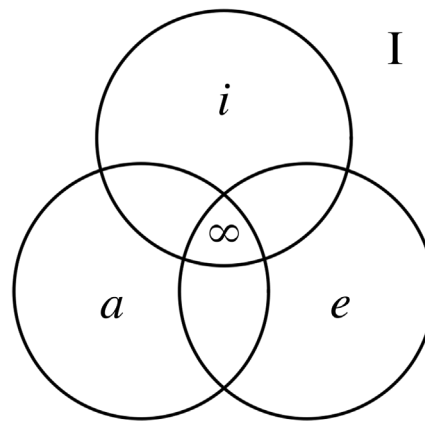
Além de afetos e emoções, a ideologia se sustenta no imaginário, concebido como um sistema dinâmico de imagens com função simbólica (Wunenburger, 2013; Durand, 1996). Para Wunenburger, o imaginário organiza imagens visuais e linguísticas em conjuntos coerentes; para Durand, é um 'museu do imaginário', um espaço de circulação e transformação simbólica de arquétipos que podem responder a crises culturais. Isso compõe o que denomino 'imaginários digitais' — amalgamas visuais que circulam na internet e representam a cultura.

Por exemplo, vídeos no *TikTok* com a hashtag #tradwife, que exibem rotinas domésticas e receitas tradicionais, ilustram como tais imagens reforçam ideais afetivos de segurança e pertencimento, convertendo papéis tradicionais em estilos de vida aspiracionais. Nesses conteúdos, influenciadoras encenam práticas como preparo de refeições, organização do lar e cuidado com os filhos por meio de uma estética altamente curada — enquadramentos luminosos, trilhas suaves e narrativas que associam essas atividades a valores como paz, propósito e feminilidade *natural*. Trata-se menos de representar a domesticidade do que de construí-la como experiência sensível e desejável, articulando estética, afeto e normatividade em uma mesma operação discursiva.

Ao compreender como ideologia (*I*), *jouissance* (∞), afetos (*a*), emoções (*e*) e imaginário (*i*) operam na vida cotidiana, pode-se postular que a *jouissance* emerge da intersecção entre esses elementos: $\infty = f(i \cap a \cap e)$. A ideologia, por sua vez, funciona

como constante estrutural que atua sobre o conjunto $\{i, a, e, \infty\}$ sem alterar a natureza intrínseca de seus elementos, podendo ser representada como $I(x) = x$, em que 'x' designa qualquer elemento analisável na sociedade⁸. Não havendo exterior à ideologia, toda produção deve ser compreendida como ideológica. Seu papel consiste em configurar o campo das possibilidades e orientar as relações entre esses componentes, não por transformação direta, mas pela inscrição de cada elemento em sua própria lógica. A Figura 1 ilustra o modelo do DAI, evidenciando como a ideologia estrutura o entrelaçamento entre afetos, emoções e imaginários por meio de uma economia da *jouissance*.

Figura 1 - Representação visual do Dispositivo Afetivo-Ideológico



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em Foucault (1994), 'dispositivo' designa um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, normas, saberes, afetos e práticas que produzem e regulam sujeitos em uma formação histórica: "um conjunto resolutamente heterogêneo, que compreende discursos, instituições, [...], proposições filosóficas, morais, filantrópicas; enfim: o dito tanto quanto o não dito — eis os elementos do dispositivo" (Foucault, 1994, p. 299). O DAI permite interpretar a relação com a política como experiência afetiva e efêmera, mais do que como campo estruturado por determinações materiais. Com base em um desenho qualitativo comparativo, o artigo analisa a emergência das *tradwives* em distintos campos sociais, não a partir de indivíduos, mas de formações ideológicas que compartilham uma lógica estrutural de *jouissance*, fundada na exclusão e no desejo de reconhecimento como especiais nas agendas da extrema-direita.

Nostalgia, *tradwives* e o espelho distorcido do feminismo na cultura digital

Mais que estilo ou moda, a *tradwife* configura-se como identidade vinculada à defesa de papéis e dinâmicas familiares *tradicionais*. Na mídia popular, essas mulheres são frequentemente retratadas de forma depreciativa como realizadas na domesticidade e promotoras de papéis de gênero convencionais nas redes sociais. Tal enquadramento, contudo, obscurece o funcionamento ideológico dessas práticas ao reduzi-las

⁸ Essa função opera sob a premissa de que I e ∞ são constantes, enquanto o i , a e e funcionam como variáveis dentro do sistema, cuja configuração depende da abordagem metodológica adotada pelo pesquisador.

a escolhas individuais ou juízos morais, quando operam como formações discursivas que articulam afetos, imaginários e investimentos libidinais. Nesse sentido, a cultura *tradwife* deve ser compreendida não apenas como prática social, mas como dispositivo de produção de sentido, no qual a vida cotidiana se converte em forma de visibilidade e valor.

O termo 'tradicional', nesse contexto, não remete a uma continuidade histórica efetiva, mas a uma construção imaginária que seleciona e reorganiza elementos do passado, geralmente associada ao casamento heterossexual, à hierarquia de gênero, à criação dos filhos, à educação domiciliar e a ideais políticos conservadores (Proctor, 2022). Contudo, como sugere Žižek (2008), não se trata da recuperação de uma realidade histórica, mas da produção de uma fantasia que estrutura o presente. A tradição invocada pelas *tradwives* corresponde, assim, a um passado retroativamente reconstruído como horizonte de estabilidade simbólica.

As *tradwives* romantizam a domesticidade e os papéis tradicionais de gênero ao representar o lar como espaço de realização feminina e superioridade moral, por meio de narrativas afetivas que celebram prazeres cotidianos — cozinhar, cuidar dos filhos e o casamento — e performatizam publicamente a vida privada nas plataformas digitais (Mattheis, 2022). Essa lógica remete à *Doutrina das Esferas Separadas*, que organiza o gênero pela divisão entre esfera pública masculina e privada feminina, associando a prosperidade social ao cumprimento desses papéis (Becchio, 2024). Tal hierarquização se expressa simbolicamente nos termos patrimônio e matrimônio, vinculados às virtudes públicas masculinas e privadas femininas, sustentadas pela crença em diferenças biológicas que legitimariam capacidades morais e cognitivas distintas (Becchio, 2024; Mattheis, 2022).

Essa dinâmica torna-se particularmente evidente à luz do conceito de 'salão de espelhos' de Banet-Weiser e Kay (2025). Segundo as autoras, movimentos reacionários contemporâneos não apenas se opõem ao feminismo, mas o mimetizam, distorcem e reconfiguram. Esses espelhos "não apenas refletem, mas também podem refratar — podem mimetizar uma determinada realidade, mas também podem dobrá-la e transformá-la" (Banet-Weiser; Kay, 2025, p. 3). Assim, conceitos feministas são apropriados e reinscritos em outra lógica, produzindo uma aparência de continuidade que oculta uma reconfiguração profunda.

Esse processo pode ser observado na circulação de slogans como 'meu corpo, minhas regras', mobilizados por influenciadoras *tradwife* para legitimar a escolha pela domesticidade (Proctor, 2022). Não se trata apenas de inversão semântica, mas de rearticulação ideológica em que a autonomia deixa de significar emancipação coletiva e passa a ser redefinida como escolha individual desvinculada de suas condições materiais. Nesse sentido, a liberdade é preservada como forma discursiva, mas esvaziada de conteúdo político e reinscrita em um regime neoliberal de responsabilização individual.

Essa operação evidencia uma afinidade estrutural entre neoliberalismo e reacionarismo. Como observa Rottenberg (*apud* Kaur, 2022), o feminismo liberal, ao enfatizar

a inserção das mulheres no mercado de trabalho como horizonte emancipatório, tende a desconsiderar as condições materiais que tornam essa inserção precária, exaustiva ou insustentável. Em contextos de exploração laboral, desigualdade salarial e crise dos cuidados, a retirada da vida profissional pode emergir como escolha racional, ainda que reforce estruturas de desigualdade. A cultura *tradwife* se apropria desse descompasso, convertendo frustrações legítimas em adesão a imaginários regressivos.

Tal cultura mobiliza uma nostalgia regressiva (Preece *et al.*, 2024), que idealiza um passado simplificado e excludente como resposta às transformações contemporâneas. Diferentemente da nostalgia reflexiva, ela busca restaurar hierarquias naturalizadas e ocultar sua historicidade, manifestando-se em preferências nacionalistas, valorização de papéis tradicionais de gênero e rejeição à diversidade (Preece *et al.*, 2024). Como observa Lilla (2003), grandes transformações sociais frequentemente produzem imagens idealizadas do passado, apropriadas por discursos reacionários como força política, uma vez que a nostalgia, ao contrário da esperança, opera como experiência subjetivamente incontestável.

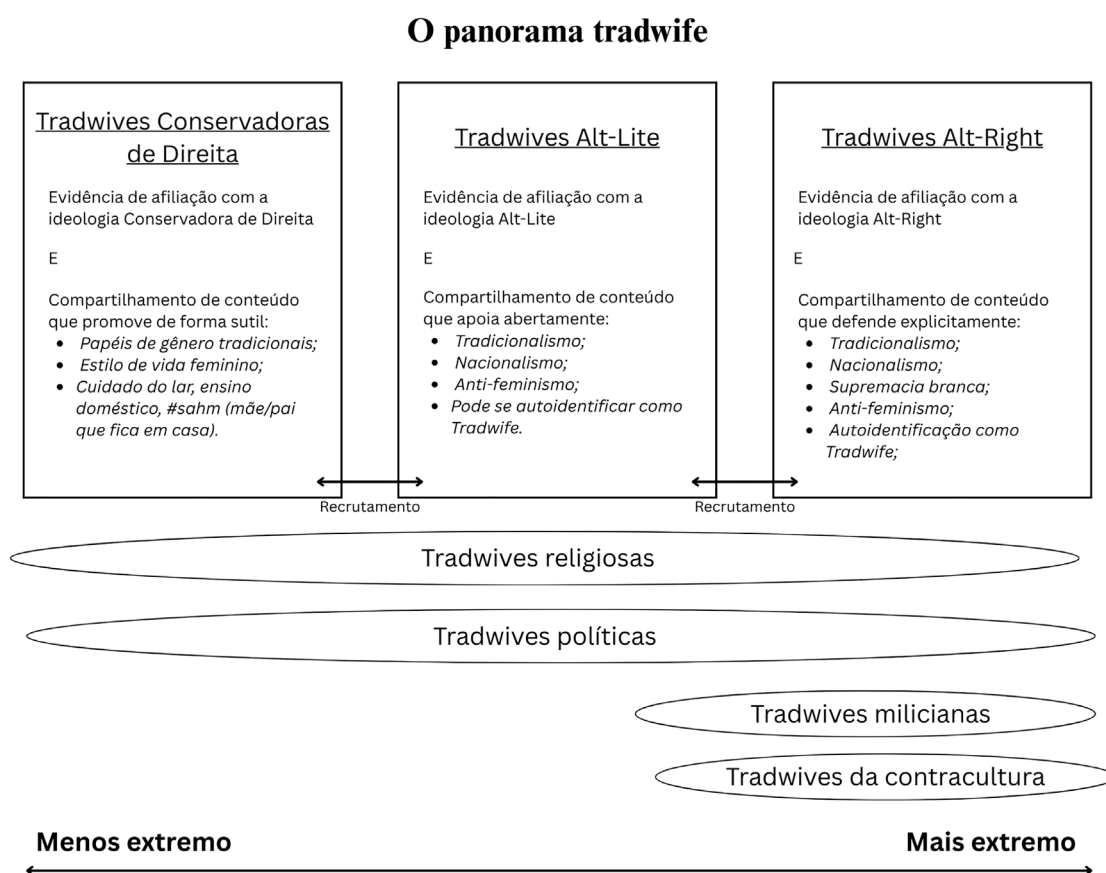
Essa reconstrução não apenas simplifica o passado, mas reorganiza o presente. Como argumenta Ahmed (2004a; 2004b), as emoções operam como forças que alinham sujeitos a objetos e comunidades, produzindo pertencimento. A nostalgia, nesse sentido, não é mera lembrança, mas orientação afetiva que conecta sujeitos a um mundo imaginado como mais seguro, ordenado e inteligível. Ao associar domesticidade a conforto, segurança e plenitude, a cultura *tradwife* constitui uma economia afetiva na qual o passado se torna objeto de desejo.

Essa economia afetiva articula-se à performatividade de gênero descrita por Butler (2002), para quem a identidade de gênero é efeito da repetição de atos regulados, e não expressão de uma essência. As *tradwives* exemplificam essa lógica ao encenar práticas visíveis — como cozinhar, submissão e casamento tradicional — apresentadas como escolhas individuais, mas condicionadas por pressões ideológicas como o tradicionalismo religioso e a feminilidade neoliberal (Proctor, 2022). Assim, a submissão voluntária corresponde frequentemente à internalização de roteiros de gênero que naturalizam posições historicamente construídas e hierarquizadas, sustentando uma narrativa ficcional (Rottenberg apud Kaur, 2022). Ao universalizar papéis da classe média branca dos EUA dos anos 1950 como *tradicionais*, a persona *tradwife* naturaliza formações historicamente situadas (Proctor, 2020). Essa articulação assume inflexões distintas em contextos nacionais: nos Estados Unidos, vincula-se mais diretamente a projetos políticos explícitos; no Brasil, manifesta-se frequentemente como prática de visibilidade e economia da influência, reforçando seu caráter aparentemente apolítico.

Nesse sentido, a submissão voluntária não se reduz à internalização ideológica, mas constitui forma de investimento libidinal. Como sugerem Žižek (2008) e McGowan (2025), a *jouissance* é central na sustentação dessas identificações: a satisfação emerge não apesar da restrição, mas por meio dela. A renúncia torna-se expressão da *jouissance*, e a adesão a papéis tradicionais passa a oferecer não apenas estabilidade simbólica, mas também reconhecimento e pertencimento.

Embora as *tradwives* não sejam necessariamente extremistas, esses espaços são apropriados por grupos supremacistas brancos para fins ideológicos. Ao amplificar preconceitos racializados e de gênero, a cultura *trad* normaliza ideias extremas sem recorrer a um extremismo explícito. Como observam Mondon e Winter (*apud* Mattheis, 2022), a democracia liberal historicamente distribui a liberdade de forma desigual. Por meio de apelos à tradição e a papéis de gênero *naturais*, a cultura *trad* reproduz a branquitude epistemológica e ideológica, reforçando lógicas raciais que sustentam movimentos supremacistas e neofascistas.

Figura 2 – Panorama *tradwife*



Fonte: Tradução de Sykes e Hopner (2023).

Sykes e Hopner (2023) mapeiam a cultura *trad* em três categorias (Figura 2): direita conservadora⁹, *alt-lite*¹⁰ e *alt-right*. Todas promovem papéis domésticos, mas com agendas distintas: a direita conservadora enfatiza valores familiares sem discurso racial explícito; a *alt-right* adota ideologias supremacistas e antifeministas; e a *alt-lite* combina valores domésticos com nacionalismo e antifeminismo, defendendo a preservação eurocêntrica sem se declarar supremacista. Essa diversidade ancora-se na lógica conservadora descrita por Oakeshott (1962), que valoriza o familiar, o limitado e a repeti-

9 Um movimento dominante historicamente enraizado no tradicionalismo moral, na liberdade econômica e na defesa nacional, o conservadorismo é um ramo do liberalismo, apesar de sua oposição ao progressismo (Hawley, 2017).

10 Ridley (2020) define a *alt-lite* como facção menos radical, mas reacionária da extrema-direita, que usa guerra cultural, humor e 'liberdade de expressão' para legitimar racismo, atraindo público jovem e masculino online.

ção como forma de preservação da identidade, na qual a mudança é percebida como ameaça existencial.

Mattheis (*apud* Proctor, 2022) argumenta que, embora nem todos na cultura *trad* adotem ideologias extremistas, grupos supremacistas e neofascistas ocupam esses espaços por seu valor estratégico na legitimação de suas visões. Nesse contexto, Dietze (2024) observa que a família nuclear heterossexual é mobilizada como núcleo de uma comunidade nacional de descendência, definida em oposição a elites, estrangeiros e *perversos* (migrantes, refugiados, minorias e dissidências de gênero), reivindicando uma soberania etnonacionalista e invertendo a retórica do ódio em nome do amor e do cuidado pelos seus. Assim, embora a intimidade seja apresentada de forma aparentemente ingênua on-line, o fazer *tradwife* é político: não no registro institucional, mas como política cívica e popular, fragmentada e cotidiana, conforme a *política do cotidiano* descrita por Highfield (2016).

Assim, a cultura *tradwife* deve ser compreendida como formação ideológica complexa, na qual nostalgia, afetos, imaginários e *jouissance* se articulam na produção de vínculos. Longe de representar um simples retorno ao passado, constitui resposta contemporânea a crises estruturais, convertendo instabilidade em ordem simbólica e incerteza em identidade. É nesse ponto que o DAI se mostra útil, ao permitir analisar como tais elementos se articulam na produção da adesão ideológica.

Segundo Highfield (2016), política e esfera pessoal entrelaçam-se nas mídias sociais, onde o discurso político se personaliza por meio de estratégias partidárias e narrativas individuais. Embora o engajamento digital seja frequentemente episódico, a política torna-se presença constante, ainda que não central, nas interações on-line. Assim, a análise política na internet deve ir além dos eventos institucionais, reconhecendo que as mídias sociais expandem as formas de ação política ao integrar temas políticos às experiências e aos afetos cotidianos, constituindo espaços privilegiados da política do cotidiano.

A incerteza intensifica o apego a estruturas conservadoras, pois o desconforto diante da ambiguidade — especialmente em relação aos papéis de gênero — estimula a busca por estabilidade e reforça visões essencialistas que associam força e coragem aos homens e limpeza e decoro às mulheres. Essa estética da nostalgia converte frustrações com o feminismo liberal em adesão a discursos que prometem ordem, pureza e pertencimento.

Feminismo em tempos de mulheres reacionárias

Estudos recentes citados por del Campo (2023) evidenciam convergências estruturais entre neoliberalismo e extrema-direita, marcadas por lógicas formais compartilhadas e processos de retroalimentação. A desdemocratização neoliberal e a governança autoritária criam terreno fértil para mobilizações reacionárias, sobretudo diante do descolamento entre economia e vida sociocultural (del Campo, 2023). Como argumenta Hall (1990), em períodos de crise, a ideologia dominante não apenas admi-

nistra a ruptura, mas a reinscreve em novas formações de senso comum, deslocando antagonismos estruturais para campos moralmente codificados. Nesse processo, o gênero opera como ponto estratégico de condensação, no qual se reconciliam, de modo fantasmático, contradições entre precarização econômica, crise dos cuidados, insegurança subjetiva e desejo de restauração moral. A cultura *tradwife* torna essa operação visível ao traduzir impasses materiais — trabalho exaustivo, desigualdade salarial, esgotamento afetivo e crise da reprodução social — em uma narrativa de retorno à ordem doméstica.

O pânico moral em torno do gênero constitui um dos eixos das mobilizações da extrema-direita contemporânea. Ao articular discursos antigênero em diferentes contextos nacionais, funciona como estratégia de governança em regimes neoliberais autoritários (del Campo, 2023). Nesse quadro, a expressão 'ideologia de gênero' opera como tropo reacionário e como cola simbólica (Kováts; Pöim, 2018), condensando ansiedades econômicas, sociais e culturais — especialmente diante da erosão da dominação masculina — em um inimigo comum. Sua eficácia reside na capacidade de deslocar críticas estruturais ao neoliberalismo para conflitos morais e identitários. Assim, a precarização da vida deixa de ser reconhecida como efeito de formas contemporâneas de exploração e passa a ser interpretada como resultado de uma suposta desordem moral associada ao feminismo, aos direitos LGBTQ+, ao multiculturalismo e às políticas de diversidade.

No discurso da extrema-direita, o gênero é convertido simultaneamente em sintoma e causa de uma suposta crise civilizacional. A desnaturalização das normas de gênero — associada ao feminismo, aos direitos trans e à crítica da família heteronormativa — é apresentada como evidência de excesso ideológico e decadência cultural (del Campo, 2023). Essa operação produz uma inversão característica: o que nomeia desigualdades históricas passa a ser acusado de gerar desordem; o que amplia direitos é representado como ameaça totalitária; o que desestabiliza hierarquias naturalizadas é descrito como violência contra a civilização. Nesse enquadramento, figuras como a pessoa trans, a feminista, a migrante, a mulher autônoma e a família não normativa tornam-se superfícies de projeção de ansiedades relativas à perda de controle, à erosão da autoridade e à instabilidade econômica.

É nesse ponto que a cultura *tradwife* adquire relevância política. Mais do que mulheres conservadoras que rejeitam o feminismo, as *tradwives* operam como mediadoras afetivas entre neoliberalismo, domesticidade e extrema-direita, traduzindo a reação antigênero em uma gramática de cuidado, beleza, lar, maternidade, saúde e autenticidade. Como mostram Love (2020) e Mattheis (2022), certas mulheres brancas desempenham papel central na suavização de ideologias autoritárias ao apresentá-las como proteção familiar, preservação moral e cuidado comunitário. Love (2020) descreve essa função pela figura das *shield maidens*, responsáveis por humanizar discursos autoritários e conferir-lhes legitimidade afetiva. No caso das *tradwives*, essa mediação ocorre menos por militância explícita do que pela estetização da vida cotidiana.

Esse deslocamento é central: a política reacionária deixa de se apresentar como programa partidário e passa a circular como estilo de vida. A submissão conjugal, o ca-

samento heterossexual, a maternidade intensiva, a culinária doméstica e a organização do lar são enunciados como escolhas livres, íntimas e moralmente superiores. Contudo, essa intimidade é política porque reorganiza, no cotidiano, hierarquias de gênero, raça e classe. Como argumenta Highfield (2016), a política nas mídias sociais não se limita a eventos institucionais ou declarações partidárias, mas se incorpora a práticas ordinárias, afetos compartilhados e modos de apresentação de si. Assim, o fazer *tradwife* é político não apesar de sua aparência doméstica, mas precisamente por meio dela.

Embora antifeministas e defensoras de ideais que contradizem críticas centrais do feminismo, as *tradwives* não configuram uma rejeição absoluta da política feminista, operando antes por apropriação, inversão e esvaziamento. Rottenberg (*apud* Kaur, 2022) interpreta o fenômeno como sintoma das limitações do feminismo liberal ocidental em enfrentar dilemas mais profundos relativos a gênero, identidade, cuidado e realização pessoal.

Diferentemente de leituras que o reduzem a *backlash* conservador, propõe-se compreendê-lo como rearticulação ideológica que preserva a forma da autonomia enquanto desloca seu conteúdo. A promessa de emancipação via mercado de trabalho — central a certas vertentes do feminismo liberal — fragiliza-se diante de condições como exploração laboral, desigualdade salarial, dupla jornada, ausência de redes de cuidado e esgotamento psíquico. Nesse cenário, a retirada para o espaço doméstico pode emergir como resposta racional a falhas sistêmicas, ainda que reinscreva a mulher em estruturas patriarcais de dependência.

É essa ambivalência que confere força ideológica à cultura *tradwife*. Longe de negar a linguagem da escolha, ela a apropria: a submissão é apresentada como decisão autônoma; a dependência econômica, como confiança; a renúncia profissional, como cura; e a domesticidade, como autenticidade. Assim, conceitos centrais ao feminismo liberal — liberdade, escolha, autonomia, empoderamento — são preservados na forma, mas deslocados no conteúdo. A crítica estrutural dissolve-se na narrativa individual, e o que aparece como decisão privada revela-se como reinscrição afetiva de uma ordem social hierárquica.

A performance *tradwife* desloca a submissão do campo da opressão para o da escolha afetiva. Nas plataformas digitais, essa operação se intensifica por meio da produção de imagens desejáveis — cozinhas claras, vestidos florais, refeições artesanais, crianças sorridentes, corpos disciplinados e lares higienizados — que não apenas representam, mas tornam esse modo de vida emocionalmente ressonante. Com Ahmed (2004a; 2004b), pode-se compreendê-las como economias afetivas: fazem circular conforto, segurança, orgulho, gratidão e pertencimento, associando tais emoções a signos como família, feminilidade, tradição e pureza. A política, nesse caso, não se sustenta apenas por argumentos, mas adere aos corpos por meio de atmosferas sensíveis.

O DAI permite compreender essa operação ao articular os níveis simbólico, imaginário e libidinal. No plano simbólico, a cultura *tradwife* mobiliza discursos sobre natureza feminina, família tradicional, maternidade e ordem moral; no imaginário, oferece imagens de estabilidade, beleza e harmonia doméstica; no libidinal, transforma renún-

cia e obediência em fontes de *jouissance*. Nessa dimensão, a sujeição não é apenas tolerada, mas convertida em satisfação: a mulher *tradwife* não apenas aceita a norma, mas a performa, exhibe e monetiza, produzindo reconhecimento a partir do que aparece como abdicação.

A partir dessa articulação, explicita-se o funcionamento da cultura *tradwife* enquanto DAI. A Tabela 1, de caráter sistemático, apresenta em nível analítico a articulação entre fantasias ideológicas, economias afetivas e significantes flutuantes que sustentam essa formação.

Tabela 1 - Dispositivo Afetivo-Ideológico na cultura *tradwife*

Fantasias ideológicas	Significantes flutuantes / Âncoras afetivas
Construção do endogrupo	<i>Tradwife</i> como 'mulher autêntica'; 'boa mãe'; esposa dedicada à família; pureza feminina; harmonia doméstica; domesticidade branca suburbana; 'feminilidade natural'; estética suave (vestidos, cozinha, filhos); 'mulher de alto valor'
Construção do exogrupo	Feministas; 'mulheres de carreira'; indivíduos LGBTQ+; mulheres trans como ameaça; 'mulheres modernas'; imigrantes; 'elites globalistas'; 'ideologia woke'
Problematizações	Crise da família; decadência moral; perda da masculinidade; colapso dos papéis de gênero; exaustão feminina no mercado de trabalho; queda da natalidade; instabilidade cultural; 'ideologia de gênero'
Economias afetivas	Conforto; segurança; pertencimento; nostalgia; superioridade moral; ressentimento; ansiedade diante da mudança social; medo da desordem; orgulho da domesticidade
Formações imaginárias	Ideal doméstico dos anos 1950; família nuclear; idílio suburbano/rural; maternidade estetizada; cotidiano curado (<i>TikTok</i> , <i>Instagram</i>); repetição visual de papéis de gênero
Investimento libidinal (<i>jouissance</i>)	Prazer na submissão; gozo na renúncia; satisfação em 'ser escolhida'/'ser tradicional'; sofrimento moralizado; prazer estético na ordem e disciplina
Formação ideológica	Neoliberalismo reacionário: articulação entre escolha individual e restauração patriarcal; antifeminismo como empoderamento; naturalização da hierarquia de gênero
Soluções implícitas	Retorno aos papéis tradicionais de gênero; retirada feminina do mercado de trabalho; restauração da autoridade patriarcal; centralidade da família heteronormativa; reordenação simbólica da sociedade

Fonte: Autor.

A sistematização evidencia que a cultura *tradwife* opera pela articulação de registros distintos que se reforçam mutuamente. Elementos econômicos, afetivos e sim-

bólicos são reconfigurados em uma estrutura aparentemente coerente, na qual a domesticidade emerge como resposta a múltiplas formas de instabilidade. Nesse sentido, o DAI permite compreender que a adesão não decorre da coerência racional do discurso, mas da produção de alinhamentos afetivos e de formas de *jouissance* que tornam desejável a própria estrutura que sustenta a sujeição.

Com base na leitura de Zupančič (2022) sobre Lacan, a ideologia *tradwife* pode ser compreendida como análoga à estrutura psíquica do ciúme. O ciúme permanece patológico mesmo quando encontra suporte factual, pois sua lógica não depende dos fatos, mas de uma estrutura fantasmática de controle. De modo semelhante, a cultura *tradwife* reconhece problemas reais — precarização do trabalho, crise dos cuidados, mal-estar neoliberal, solidão e exaustão —, mas os reorganiza em uma fantasia de restauração. Assim como o ciúme busca estabilizar um campo afetivamente instável por meio de uma certeza impossível, a nostalgia *tradwife* procura estabilizar a identidade de gênero pela reconstrução de um passado purificado.

Essa lógica fantasmática aproxima-se da estrutura das teorias da conspiração, que Alenka Zupančič (2022) compara ao trabalho do sonho freudiano: narrativas que articulam elementos heterogêneos — 'globalismo', 'marxismo cultural', 'colonização ideológica', feminismo, direitos LGBTQ+ e imigração — em uma rede aparentemente coerente. O que, para um observador externo, surge como associação arbitrária, para o sujeito implicado opera como evidência de uma verdade oculta. Nesse mesmo campo, a cultura *tradwife* traduz transformações sociais complexas em sintomas de uma causa moral unificada — a suposta destruição da família tradicional —, convertendo o feminismo, outrora um campo plural de disputas, em agente de desordem civilizacional.

Tal narrativa é mobilizada por lideranças estatais e atores conservadores da sociedade civil, articulando-se a essas mesmas categorias para sustentar ataques interseccionais aos direitos de gênero, à diversidade sexual e aos marcos internacionais de direitos humanos (Hamlin, 2020; Love, 2020). Em contraposição, nas ciências sociais e na teoria feminista, ideologia de gênero — sem aspas — designa o conjunto de normas e expectativas socialmente construídas que regulam as relações de gênero; a divergência, portanto, não é meramente semântica, mas indica uma disputa conceitual na qual a extrema-direita fetichiza a 'ideologia de gênero', convertendo-a em causa imaginária de crises sociais heterogêneas.

Nesse quadro, a remasculinização emerge como resposta ideológica aos efeitos percebidos da feminização da sociedade de massas (del Campo, 2023). A defesa de papéis de gênero normativos funciona como tentativa de restaurar fronteiras simbólicas supostamente perdidas. Para grupos masculinistas e conservadores, a crise contemporânea é narrada como crise da autoridade masculina, da família e da reprodução nacional. A *tradwife* oferece uma resposta complementar à figura do homem remasculinizado: encarna a feminilidade que confirma a autoridade masculina, estabiliza o lar e torna desejável a hierarquia.

Essa estabilização não é apenas de gênero, mas também racial e nacional. Como mostram Mattheis (2022) e Leidig (2023), a cultura *trad* tende a reproduzir a

branquitude como norma implícita, mesmo sem recorrer explicitamente a discursos supremacistas. A domesticidade branca suburbana é apresentada como refúgio diante da instabilidade social, enquanto diversidade, feminismo e multiculturalismo figuram como ameaças à ordem.

A campanha de Trump de 2020, ao mobilizar a figura da 'dona de casa suburbana', exemplifica essa articulação entre gênero, raça e medo da integração racial. Nesse sentido, o lar *tradwife* não é apenas espaço privado, mas fantasia racializada de proteção, fronteira e continuidade. Embora esses estudos enfatizem a dimensão política e ideológica do fenômeno, a presente análise busca complementá-los ao evidenciar o papel dos investimentos libidinais e das economias afetivas na sustentação dessas formações.

Embora nem todas as *tradwives* sejam extremistas, a cultura *trad* funciona como superfície estratégica para a circulação de ideologias extremistas em linguagem suavizada. Como observam Mondon e Winter (apud Mattheis, 2022), a democracia liberal historicamente distribui a liberdade de modo desigual; por isso, apelos abstratos à liberdade individual podem coexistir com a reprodução de hierarquias raciais e de gênero. Nesse quadro, a escolha da domesticidade aparece como liberdade formal, mas é diferencialmente acessível e simbolicamente organizada pela branquitude, pela classe e pela heteronormatividade.

Desse modo, o feminismo em tempos de mulheres reacionárias não se reduz à oposição entre progressistas e conservadoras, mas configura uma disputa pela própria gramática da emancipação. A extrema-direita não rejeita a linguagem da liberdade; ela a rearticula. Não abandona o vocabulário da escolha; desloca-o. Não elimina a ideia de empoderamento; converte-a em obediência satisfeita. O resultado é uma formação ideológica na qual a sujeição aparece como autonomia, a hierarquia como cuidado, a nostalgia como cura e a exclusão como proteção.

Por isso, o fenômeno *tradwife* exige uma análise que vá além da denúncia moral. Sua eficácia não reside apenas na defesa de valores conservadores, mas na conversão desses valores em experiências afetivamente desejáveis. Ao articular neoliberalismo, antifeminismo, nostalgia regressiva e economias digitais da visibilidade, a cultura *tradwife* torna a política reacionária íntima, estética e compartilhável. O DAI permite apreender essa articulação ao evidenciar que a ideologia contemporânea se sustenta menos pela crença do que pela capacidade de organizar afetos, imagens e formas de *jouissance*.

Considerações Finais

A análise desenvolvida neste artigo permite compreender a cultura *tradwife* não como simples retorno nostálgico ou escolha individual, mas como formação ideológica mediada por economias afetivas e estruturada pela lógica da *jouissance*. Sua eficácia não reside na coerência racional de seus argumentos, mas na intensidade dos vínculos afetivos que produz.

O Dispositivo Afetivo-Ideológico mostrou-se capaz de apreender essa dinâmica ao articular os registros simbólico, imaginário e libidinal. Ao deslocar a análise da ideologia do plano da crença para o plano do vínculo, o DAI evidencia como a ideologia contemporânea opera por meio de afetos, emoções e fantasias que tornam determinadas formas de vida não apenas possíveis, mas desejáveis.

No caso das *tradwives*, a nostalgia regressiva desempenha papel central nesse processo. Ao reconstruir fantasmaticamente um passado ordenado, ela oferece uma resposta afetiva a crises contemporâneas, estabilizando a experiência subjetiva em um contexto de incerteza. Essa estabilização, contudo, ocorre ao custo da reprodução de hierarquias de gênero, raça e classe.

Embora de caráter teórico, o artigo aponta para a necessidade de investigações empíricas que examinem sistematicamente a circulação desses afetos em ambientes digitais. Mais do que identificar conteúdos ou discursos, trata-se de compreender as condições que tornam tais formações ideológicas eficazes. Em última instância, o que está em jogo não é apenas a adesão a ideias, mas a produção de formas de vida nas quais o sujeito encontra sentido, pertencimento e gozo — mesmo quando operam contra seus próprios interesses.

Referências

AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004a.

AHMED, Sara. Affective Economies. **Social Text**, v. 22, n. 2, p. 117-139, 2004b

BANET-WEISER, Sarah; KAY, Jilly Boyce. Through the Looking Glass: Feminism and Reactionary Politics in the Digital Hall of Mirrors. **European Journal of Cultural Studies**, v. 0, n. 0, p. 1-9, 2025

BENJAMIN, Walter. Zur Kritik der Gewalt. In: TIEDEMANN, Rolf; SCHWEPPENHÄUSER, Hermann. **Walter Benjamin**. Gesammelte Schriften, volume 2. Berlin: Suhrkamp Verlag, 1991. p. 179-203.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**. New York: Routledge, 2002.

del CAMPO, Felix. New Culture Wars: Tradwives, Bodybuilders and the Neoliberalism of the Far-Right. **Critical Sociology**, v. 49, p. 689-706, 2023.

DIETZE, Gabriele. Feminität als politisches Kapital – rechtspopulistische Modelle. In: ANNUß, Evelyn et al. **Populismus kritisieren**. Viena: mdwPress, 2024. p. 155-176.

DURAND, Gilbert. **Champs de l'imaginaire**. Grenoble: ELLUG, 1996.

FOUCAULT, Michel. Le Jeu de Michel Foucault. In: DEFERT, Daniel; EWALD, François. **Dits et Écrits**, volume 3. Paris: Gallimard, 1994, p. 298-239.

FREUD, Sigmund. **Zeitgemäßes über Krieg und Tod**. Viena: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1924.

FREUD, Sigmund. Die Verneinung. **Imago**, v. 11, n. 3, p. 217-221, 1925.

FREUD, Sigmund. Fetischismus. In: STORFER, A. J. **Almanach der Psychoanalyse**. Vienna: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1928. p. 17-24.

HALL, Stuart. **The Hard Road to Renewal**. London: Verso, 1990.

HAWLEY, George. **Making Sense of the Alt-Right**. New York: Columbia University Press, 2017.

HIGHFIELD, Tim. **Social Media and Everyday Politics**. Cambridge: Polity Press, 2016.

HOGGETT, Paul; THOMPSON, Simon. Introduction. In: HOGGETT, Paul; THOMPSON, Simon. **The Politics and the Emotions**. New York: Continuum, 2012. p. 1-20.

KAUR, Harmeet. "Tradwives" promote a lifestyle that evokes the 1950s. But their nostalgia is not without controversy. **CNN**, 2022. Disponível em <https://edition.cnn.com/2022/12/27/us/tradwife-1950s-nostalgia-tiktok-cec/index.html>. Acesso em 01 mar. 2025.

KNOW YOUR MEME. Trad. **Know Your Meme**. Disponível em <https://knowyourmeme.com/memes/cultures/trad>. Acesso em 01 mar. 2025.

KOVÁTS, Eszter; PÖIM, Maari. **Gender as symbolic glue**. Bruxelles: FEPS – Foundation for European Progressive Studies, 2018.

LABATE, Alice. 'Bela, recatada e influencer': conheça as tradwives, esposas tradicionais da geração Z. **O Estado de S. Paulo**, 2024. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/link/cultura-digital/bela-recatada-e-influencer-conheca-as-tradwives-esposas-tradicionais-da-geracao-z-nprei/>. Acesso em: 23 abr. 2026.

LEIDIG, Eviane. **The Women of the Far Right**. New York: Columbia University Press, 2023.

LILLA, Mark. **The Shipwrecked Mind**. New York: New York Review Book, 2016.

LOVE, Nancy S. Shield Maidens, Fashy Femmes, and TradWives: Feminism, Patriarchy, and Right-Wing Populism. **Frontiers in Sociology**, n. 5, p. 1-3, 2020.

MANNONI, Octave. **Clefs pour l'Imaginaire ou l'Autre Scène**. Paris: Éditions du Seuil, 1969.

MATTHEIS, Ashley A. #TradCulture: Reproducing Whiteness and Neo-fascism Through Gendered Discourse Online. In: HUNTER, Shona; van der WESTHUIZEN; Christi. **Routledge Handbook of Critical Studies in Whiteness**. London: Routledge, 2022, p. 91-101.

McGOWAN, Todd. **The Cambridge Introduction to Jacques Lacan**. Cambridge: Cambridge University Press, 2025.

MEDIA MATTERS FOR AMERICA. Study: Tradwife influencers are quietly spreading far-right conspiracy theories. **Media Matters for America**, 2024. Disponível em: <https://www.mediamatters.org/tiktok/study-tradwife-influencers-are-quietly-spreading-far-right-conspiracy-theories>. Acesso em: 23 abr. 2026.

NORRIS, Sian. Frilly dresses and white supremacy: Welcome to the weird, frightening world of 'trad wives', **The Guardian**, 2023. Disponível em <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/may/31/white-supremacy-trad-wives-far-right-feminist-politics>. Acesso em 01 mar. 2025.

OAKESHOTT, Michael. **Rationalism in Politics and Other Essays**. New York: Basic Books, 1962.

PREECE, Chloe et al. Theorizing Regressive Nostalgia: Understanding Exclusionary Consumers as a Brand Threat. **International Journal of Research in Marketing**, v. 42, n. 2, p. 411-432, 2025.

PROCTOR, Devin. The #Tradwife Persona and the Rise of Radicalized White Domesticity. **Persona Studies**, v. 8, n. 2, p. 7-26, 2022.

REMLEY, William L. **The Philosophical Foundation of Alt-Right Politics and Resentment**. London: Rowman & Littlefield, 2019.

RIDLEY, Simon. L'alt-lite de Steve Bannon et les techniques de prise de pouvoir. **Sens public**, p. 1-24, 2020.

SYKES, Sophia; HOPNER, Veronica. Tradwives: The housewives commodifying right-wing Ideology. **GNET**, 2023. Disponível em <https://gnet-research.org/2023/07/07/tradwives-the-housewives-commodifying-right-wing-ideology/>. Acesso em 01 mar. 2025.

WITTIG, Monique. **On ne naît pas femme**. Questions Féministes, v. 8, p. 75-84, 1980.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **L'imaginaire**. Lyon: Que sais je?, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. **The Sublime Object of Ideology**. London: Verso, 2008.

ŽIŽEK, Slavoj. **Freedom: A Disease Without Cure**. London: Bloomsbury Academic, 2023.

ZUPANČIČ, Alenka. A Short Essay on Conspiracy Theory. In: JOHNSTON, Adrian. et al. **Objective Fictions**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2022. p. 232-249

ZUPANČIČ, Alenka. **Disavowal**. Cambridge: Polity Press, 2024.

Recebido em: 1 jan. 2026
Aprovado em: 12 mar. 2026